



THE WORLD BANK  
IBRD • IDA | WORLD BANK GROUP

# ATUALIZAÇÃO SOBRE POBREZA, PROSPERIDADE PARTILHADA E EQUIDADE GUINEA BISSAU

Elaborado por Sering Touray (Economista, EAWPV)  
e Nalourgo Kanigui Yaya Yeo (Consultor, EAWPV)

Public Disclosure Authorized

Public Disclosure Authorized

Public Disclosure Authorized

Public Disclosure Authorized

© 2024 International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank  
1818 H Street NW  
Washington DC 20433  
Telephone: 202-473-1000  
Internet: [www.worldbank.org](http://www.worldbank.org)

This work is a product of the staff of The World Bank with external contributions. The findings, interpretations, and conclusions expressed in this work do not necessarily reflect the views of The World Bank, its Board of Executive Directors, or the governments they represent.

The World Bank does not guarantee the accuracy of the data included in this work. The boundaries, colors, denominations, and other information shown on any map in this work do not imply any judgment on the part of The World Bank concerning the legal status of any territory or the endorsement or acceptance of such boundaries.

#### Rights and Permissions

The material in this work is subject to copyright. Because The World Bank encourages dissemination of its knowledge, this work may be reproduced, in whole or in part, for noncommercial purposes as long as full attribution to this work is given.

Any queries on rights and licenses, including subsidiary rights, should be addressed to World Bank Publications, The World Bank Group, 1818 H Street NW, Washington, DC 20433, USA; fax: 202-522-2625; e-mail: [pubrights@worldbank.org](mailto:pubrights@worldbank.org)

# ATUALIZAÇÃO SOBRE POBREZA, PROSPERIDADE PARTILHADA E EQUIDADE GUINEA BISSAU <sup>1</sup>

A pobreza aumentou 2,8 pontos percentuais entre 2018 e 2021. As tendências da pobreza entre 2018 e 2021 seguiram, em grande medida, a mesma direção nas zonas urbanas e rurais, mas continuam a ser mais elevadas nas zonas rurais. Embora o crescimento global do consumo tenha contraído tanto nas zonas rurais como nas urbanas, as famílias rurais sofreram uma contração ligeiramente maior (6,6% em média) do que as zonas urbanas (3,3% em média). No entanto, observa-se um crescimento do consumo entre os agregados familiares mais pobres, especialmente nas zonas urbanas - com taxas de crescimento anualizadas de até 6% para os agregados familiares no percentil 9th da distribuição. Nas áreas rurais, por outro lado, o crescimento anualizado do consumo é negativo na maior parte da distribuição - mas mais (menos) pronunciado para os agregados familiares mais ricos (mais pobres). Como resultado, a Guiné-Bissau registou um ligeiro declínio na desigualdade de consumo durante este período - impulsionado por uma maior redução da desigualdade nas áreas urbanas - principalmente em Bissau.

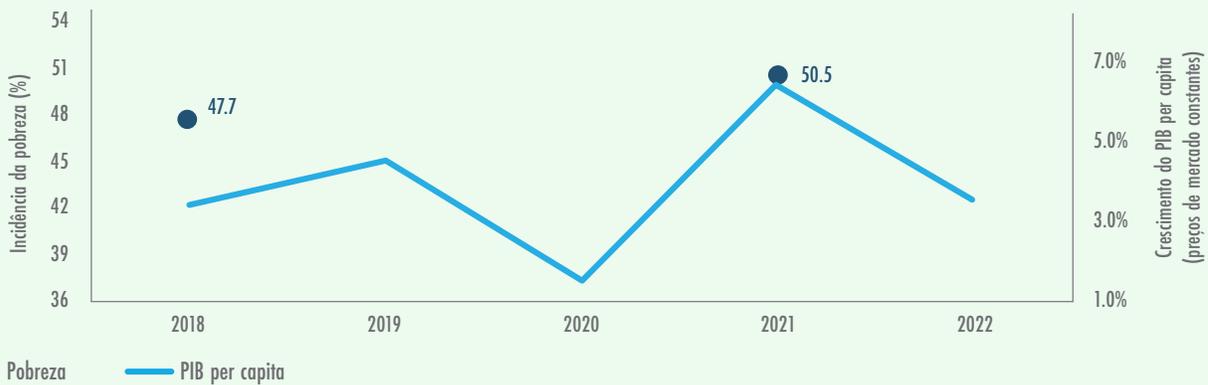
## CONTEXTO DO PAÍS, CHOQUES GLOBAIS E TENDÊNCIAS RECENTES DO CRESCIMENTO DO PIB

**A Guiné-Bissau registou um crescimento económico volátil na última década.** O crescimento económico recuperou em 2021 antes de abrandar em 2022. O PIB real per capita atingiu 6,4% em 2021, contra 1,5% em 2020, antes de abrandar para 3,5% em 2022, prevendo-se que continue a abrandar para 2,8% em 2023. A economia continua a ser estruturalmente vulnerável aos choques nos termos de troca e aos riscos climáticos. A recuperação da pandemia de COVID-19 foi condicionada por choques adicionais - nomeadamente os efeitos colaterais da guerra na Ucrânia, que resultaram em perturbações nas cadeias de abastecimento globais e no aumento dos

preços dos alimentos. Além disso, a castanha de caju, que representa 90% das exportações de mercadorias e uma importante fonte de rendimento para mais de 70% das famílias, tem vindo a registar uma descida dos preços e uma procura internacional volátil desde 2018. Também a cessação das operações de transporte marítimo pela Maersk Line em 2021<sup>2</sup> resultou num monopólio de contentores de carga e num aumento de 35% nas tarifas de exportação durante a época de 2023. Como resultado, o volume das exportações diminuiu - de 68% da produção em 2022, para cerca de 65% em 2023, expondo a economia a novas vulnerabilidades. Grande parte da castanha de caju não exportada é contrabandeada através do Senegal e da Guiné, como parte dos esforços dos agricultores para explorar oportunidades de arbitragem.

<sup>1</sup> Elaborado por Sering Touray (Economista, EAWPV) e Nalourgo Kanigui Yaya Yeo (Consultor, EAWPV)

<sup>2</sup> <https://www.maersk.com/news/articles/2021/09/03/maersk-to-cess-operations-in-guinea-bissau>

**Figura 1. Incidência da pobreza e PIB per capita, 2018-2022**

Fonte: Cálculos do Banco Mundial com base na EHCVM 2018/19, EHCVM 2021/22 e portal de dados (<https://data.worldbank.org/>).  
Nota: As estimativas da pobreza em 2018 e 2021 utilizaram o EHCVM 2018/19 e o EHCVM 2021/22.

## TENDÊNCIAS DA POBREZA MONETÁRIA 2018/19-2021/22

### A pobreza continua a ser generalizada na Guiné-Bissau - aumentando em 2,8 pontos percentuais (equivalente a mais de 80.000 pobres adicionais) entre 2018 e 2021.

Os dados dos inquéritos EHCVM 2018/19 e 2021/22 mostraram que a pobreza aumentou de 47,7% em 2018 (equivalente a cerca de 0,802 milhões de pessoas pobres) para 50,5% em 2021 (equivalente a mais de 0,886 milhões de pobres)<sup>3</sup>. Isto equivale a mais de 80.000 pobres adicionais. Durante o mesmo período, outras medidas de pobreza aumentaram na Guiné-Bissau. A diferença de pobreza (que mede a medida em que os indivíduos, em média, caem abaixo da linha de pobreza) aumentou de 13,7% em 2018 para 15,2% em 2021. Da mesma forma, o índice de gravidade da pobreza (que coloca mais peso nas famílias mais pobres, medido pelo quadrado da diferença de pobreza) também

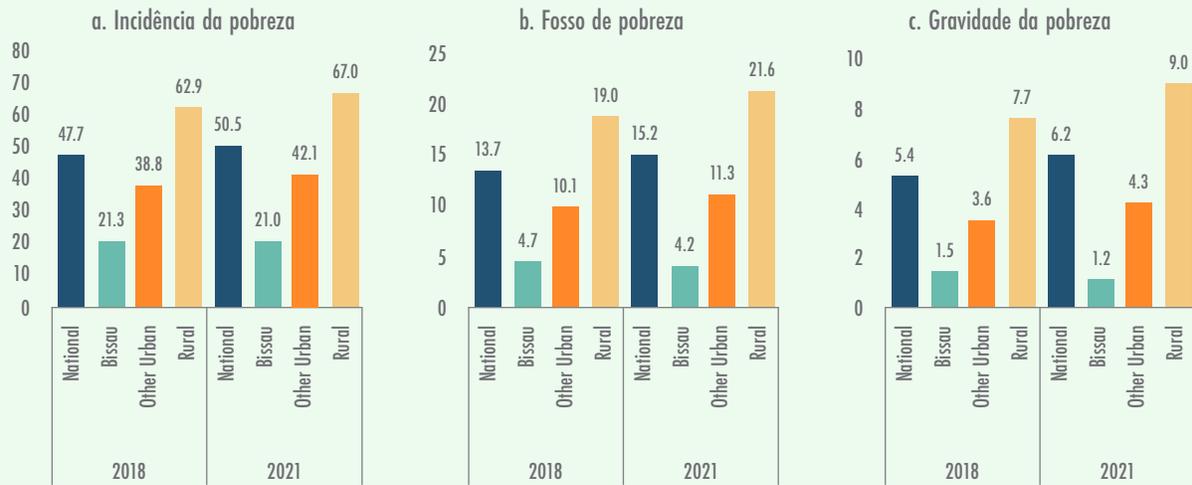
aumentou, de 5,4 para 6,2 durante o mesmo período. O aumento destes indicadores ilustra a intensidade crescente da pobreza na Guiné-Bissau durante este período. A recuperação da pandemia de COVID-19 foi condicionada por choques adicionais - nomeadamente os efeitos colaterais da guerra na Ucrânia, que resultaram em perturbações nas cadeias de abastecimento globais e no aumento dos preços dos alimentos.

### As tendências da pobreza entre 2018 e 2021 seguiram em grande medida a mesma direção nas zonas urbanas e rurais, mas continuam a ser mais elevadas nas zonas rurais.

Nas zonas rurais, mais de metade da população é pobre. A incidência da pobreza aumentou 4,1 pontos percentuais durante o período, atingindo 67% em 2021. Na capital, Bissau, a pobreza manteve-se relativamente inalterada em 21%; mas noutras zonas urbanas, a pobreza

<sup>3</sup> Foi construído um novo limiar nacional de pobreza em 2021/22, em vez de se utilizar a inflação para atualizar o limiar de 2018/19, porque o cabaz fixo do IPC não permite quaisquer efeitos de substituição, o que poderia sobrestimar as taxas de pobreza, dados os choques de preços registados entre 2018 e 2021. O limiar de pobreza é construído em duas fases. Um cabaz de bens do consumo alimentar do país que permite a um indivíduo satisfazer as suas necessidades nutricionais diárias de 2.300 quilocalorias é retido e valorizado para fornecer uma linha de pobreza alimentar. O limiar de pobreza não alimentar é uma parte das despesas de consumo não alimentar dos agregados familiares situados em torno do limiar de pobreza alimentar. A soma das duas linhas de pobreza dá a linha de pobreza nacional. O momento da realização dos inquéritos de 2018/19 e 2021/22 não foi idêntico. Além disso, o agregado de bem-estar 2021/22 exclui as despesas de hospitalização e o método de imputação de renda para as áreas rurais difere de 2018/19.

**Figura 2. Alterações nos indicadores de pobreza monetária 2018/19 - 2021/22 por área de residência**



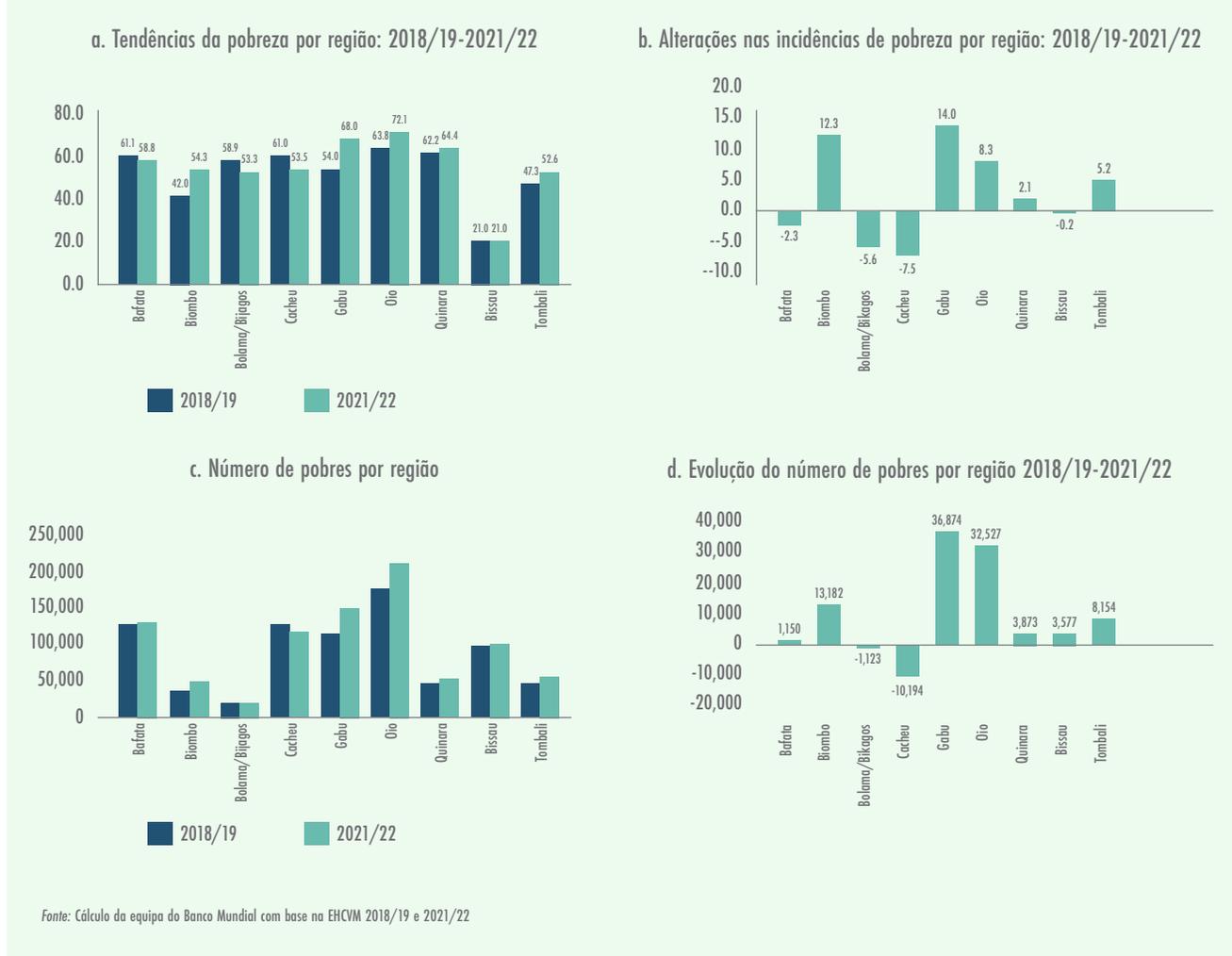
Fonte: Cálculos do Banco Mundial baseados na EHCVM 2018 e 2021

aumentou 3,3 pontos percentuais entre 2018 e 2021, atingindo 42%. A pobreza é mais grave nas zonas rurais, como demonstrado pelos aumentos mais elevados e maiores nos indicadores de diferença e gravidade da pobreza durante o período. Por conseguinte, não só a pobreza é um fenómeno mais rural na Guiné-Bissau, como também os pobres das zonas rurais estão mais afastados do limiar de pobreza em comparação com os seus homólogos das zonas urbanas.

**Isto deve-se em parte ao facto de a economia rural continuar a ser dominada pela agricultura de baixa produtividade - principalmente a produção de castanha de caju em bruto.** Mais de 70% dos agregados familiares dependem da produção de caju na Guiné-Bissau - para os quais o rendimento da venda da castanha de caju é uma importante fonte de subsistência. Apesar das melhorias

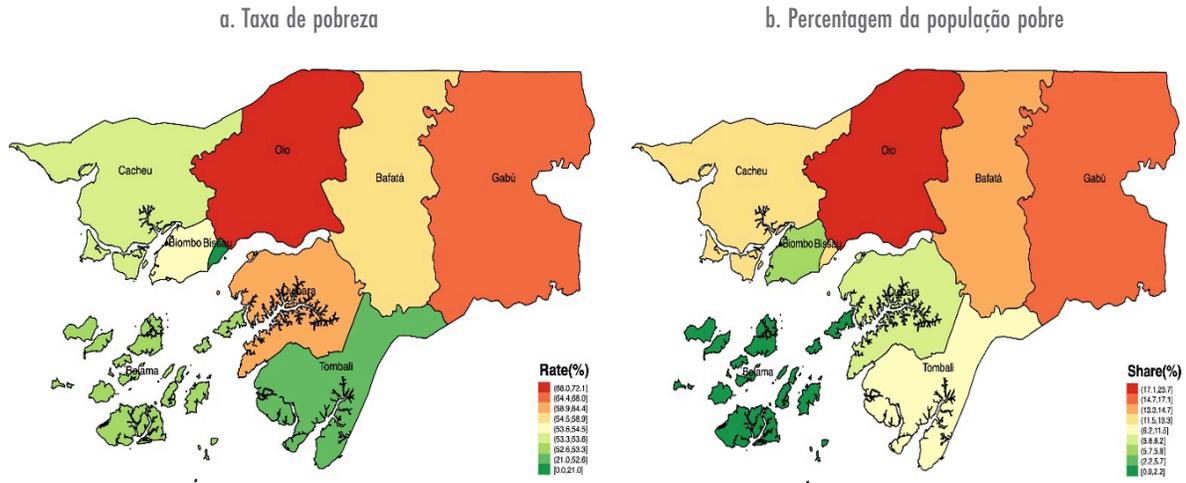
nos rendimentos do caju (apoiando o crescimento da agricultura de 4,3% em 2018 para 5,4% em 2021), os preços do caju no produtor permanecem inferiores aos preços de exportação devido a falhas de governação e de mercado; prejudicando assim o ritmo de crescimento do rendimento rural e o progresso na redução da pobreza rural<sup>4</sup>. Entre 2000 e 2020, as estimativas oficiais do governo indicam que o preço médio de exportação de um quilo de castanha de caju foi de 491 FCFA. No entanto, durante o mesmo período, o preço médio do quilo no produtor foi quase 200 FCFA inferior ao preço médio de exportação - 298 FCFA por quilo. Além disso, embora os dados recentes mostrem um aumento dos preços do caju, a diferença entre os preços de exportação e os preços no produtor aumentou, atingindo 356 FCFA por quilograma em 2020, o que limita o crescimento do rendimento dos agricultores e reduz a sua capacidade de escapar à pobreza.

<sup>4</sup> A recente atualização do Diagnóstico Sistemático por País (SCD) do Banco Mundial - setembro de 2023 - discute em pormenor até que ponto a falta de inclusividade e a baixa produtividade rural continuam a limitar o crescimento, a inclusão e a sustentabilidade - <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/099110323163018763/bosib0f7d3f3e401e0a2a3015c9e962aff5>

**Figura 3. Tendências da pobreza por região: 2018/19-2021/22**

**As disparidades rurais-urbanas no bem-estar também podem ter sido ainda mais exacerbadas pela recuperação mais rápida do setor dos serviços após a COVID-19 - que emprega a maioria das famílias urbanas.** Por exemplo, o setor dos serviços cresceu 7,5 % em 2021 - de 0,35 em 2020 e 3,2 em 2018; mitigando os efeitos adversos da pandemia COVID-19, resultando assim num menor aumento da pobreza nas zonas urbanas em relação às zonas rurais.

**As disparidades regionais nas tendências de pobreza monetária persistem com a maior incidência de pobreza observada nas regiões de Oio, Gabu e Quinara.** A região de Oio continua a registar a maior incidência de pobreza, com 72% da população a ser pobre em 2021 - cerca de 8,3 pontos percentuais de aumento em relação aos níveis de 2018 (ver Figura 3a e 3b). A menor incidência de pobreza é registada na região de Bissau, onde 21% da população é pobre - relativamente a mesma taxa em 2018. O maior

**Mapa 1. Indicadores de pobreza por região (EHCVM 2021)**

Fonte: Cálculos do Banco Mundial com base na EHCVM 2021/22. Foi construído um novo limiar de pobreza nacional em 2021, em vez de se utilizar a inflação para atualizar o limiar de 2018, porque o cabaz fixo do IPC não permite quaisquer efeitos de substituição, que poderiam ter sobrestimado as taxas de pobreza, dados os choques de preços registados entre 2018 e 2021.

aumento da pobreza entre 2018 e 2021 foi registado nas regiões de Gabu e Biombo, onde a pobreza aumentou 14 e 12,3 pontos percentuais durante o período (**Figura 3b**) - resultando em Gabu tornar-se a região com a segunda maior incidência de pobreza em 2021. Apesar do aumento global da pobreza, as regiões de Cacheu, Bolama/Bijagós e Bafatá registaram reduções de 7,5, 5,6 e 2,3 pontos percentuais, respetivamente, na incidência da pobreza durante o período.

**Mais de metade (55%) dos pobres estão concentrados nas regiões de Oio, Gabu e Bafatá.** Para além de terem uma elevada incidência de pobreza, as regiões de Oio e Gabu albergam 23,7 e 17,1% das pessoas pobres na Guiné-Bissau, respetivamente (**Mapa 1a e 1b**). Ambas as regiões registaram mais de 30.000 pessoas pobres cada uma em 2021. Além disso, a região de Bafatá tem a terceira maior percentagem de população pobre (14,6%), apesar

de um declínio de 2,3 pontos percentuais na pobreza durante o período. Do mesmo modo, Bissau, que tem uma baixa incidência de pobreza, tem uma percentagem ligeiramente mais elevada de pobres - 11,5% dos pobres. Em contrapartida, o declínio da pobreza nas regiões de Cacheu e Bolama/Bijagós resultou em mais de 10.000 e 1.000 pessoas pobres a menos, respetivamente (**Figura 3c e 3d**).

## DESIGUALDADE E PROSPERIDADE PARTILHADA

*Qual foi o crescimento anualizado do consumo familiar per capita ao longo da distribuição?*

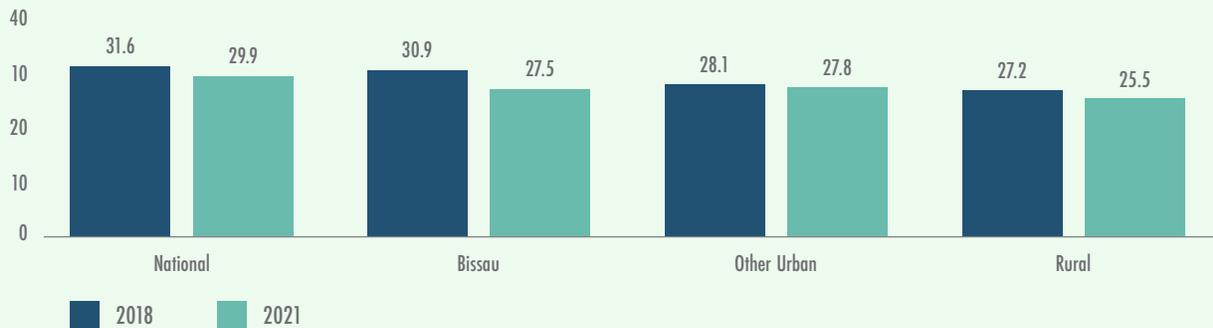
**Embora todos os agregados familiares tenham sofrido reduções no consumo per capita entre 2018 e 2021, os agregados familiares mais ricos registaram a maior redução.** De acordo com a curva de incidência de crescimento

**Figura 4. Curva de Incidência de Crescimento por Localização Geográfica**


mostrada na **Figura 4** abaixo, entre 2018 e 2021, o crescimento anualizado do consumo per capita diminuiu 2,5% em média para a população. As famílias mais pobres (40% inferiores da distribuição) registaram um declínio ligeiramente inferior de 1,5% ao ano. As famílias mais ricas, por outro lado, registaram um declínio muito mais acentuado - por exemplo, as famílias mais ricas (decil superior da distribuição) registaram um declínio de até 20% durante o mesmo período. Isto é provavelmente impulsionado por um crescimento mais constante no setor agrícola ao longo dos anos (com uma média de 4,6% entre 2018-2021); do que os setores da indústria e dos serviços que permaneceram voláteis e, respetivamente, com uma média de 4,4 e 4,2%, impulsionados por uma forte recuperação em 2021.

**Em todo o país, surgem diferenças notáveis nos padrões de crescimento do consumo entre os pobres rurais e**

**urbanos.** Em geral, o crescimento do consumo contraiu-se tanto nas áreas rurais como urbanas - com as famílias rurais a sofrerem uma contração ligeiramente maior (6,6% em média) do que as das áreas urbanas (3,3% em média). No entanto, observa-se um crescimento positivo do consumo entre os agregados familiares mais pobres, especialmente nas zonas urbanas - com taxas de crescimento anualizadas de até 6% para os agregados familiares no nono percentil da distribuição. Nas zonas rurais, por outro lado, o crescimento anualizado do consumo é negativo na maior parte da distribuição - mas mais (menos) pronunciado para as famílias mais ricas (mais pobres). Isto reflete-se ainda na grande contração do consumo dos 40% de famílias mais pobres - especialmente nas zonas rurais (redução de 1,96%) em relação às zonas urbanas (declínio de 0,25%). Esta disparidade no crescimento do consumo reflete-se no “prémio de prosperidade partilhada”, que mede em que

**Figura 5. Índice de desigualdade de Gini (consumo), 2018-2021**

Fonte: Cálculo da equipa do Banco Mundial com base na EHCVM 2018/19 e 2021/22.

medida o crescimento económico é inclusivo, centrando-se no crescimento do consumo entre os mais pobres da população em relação a toda a população. O prémio partilhado revela que o crescimento foi menos inclusivo nas zonas rurais do que nas zonas urbanas - 0,79% em comparação com 1,98% nas zonas urbanas; e 0,96% a nível nacional. Esta tendência implica que um maior declínio no crescimento do consumo entre as famílias rurais (onde a incidência da pobreza é também mais elevada) limitou a redução da pobreza, resultando num aumento global da pobreza.

*Quais são as tendências do Gini, da percentagem dos quintis superiores e inferiores no consumo total e do rácio dos percentis da distribuição do consumo?*

**O crescimento positivo do consumo entre os habitantes urbanos mais pobres é coerente com uma diminuição da desigualdade.** A Guiné-Bissau registou um ligeiro declínio na desigualdade de consumo entre 2018/19 e 2021/22,

medido pelo coeficiente de Gini, que diminuiu de 31,6 para 29,9. As tendências por área de residência mostram que a diminuição da desigualdade de consumo foi mais pronunciada nas zonas urbanas - principalmente em Bissau, onde diminuiu 3,4 pontos de Gini (de 30,9 para 27,5), em comparação com a diminuição de 0,3 e 1,7 pontos de Gini noutras zonas urbanas; e nas zonas rurais, respetivamente.

**Um olhar sobre o rácio de consumo entre os quintis mais ricos e mais pobres em geral e em todo o espaço também ilustra o declínio da desigualdade - impulsionado pela menor desigualdade na área de Bissau.** Por exemplo, o rácio de consumo em Bissau diminuiu de 4,55 para 3,81 entre 2018/19 e 2021. Nas zonas rurais, diminuiu marginalmente de 3,80 para 3,53. Noutras zonas urbanas, aumentou ligeiramente de 4,0 para 4,02 - indicando um nível mais elevado de desigualdade noutras zonas urbanas e uma distribuição mais equitativa nas zonas rurais.

**Tabela 1. Indicadores de desigualdade de consumo na Guiné-Bissau 2018/19 - 2021/22**

	Porcentagem da população		Consumo em porcentagem do total		Índice de Gini		Rácios de consumo entre os quintis superiores e inferiores	
	2018/19	2021/22	2018/19	2021/22	2018/19	2021/22	2018/19	2021/22
<b>Nacional</b>					31.6	29.9	4.7	4.4
<b>Bissau</b>	27.9	27.8	39.8	40.3	30.9	27.5	4.5	3.8
<b>Outros urbanos</b>	14.7	14.8	14.4	15.1	28.1	27.8	4.0	4.0
<b>Rural</b>	57.3	57.4	45.8	44.6	27.2	25.5	3.8	3.5

Fonte: Cálculo da equipa do Banco Mundial com base na EHCVM 2018/19 e 2021/22

## AVALIAÇÃO COMPARATIVA DAS TENDÊNCIAS DA POBREZA EM RELAÇÃO AOS SEUS PARES REGIONAIS E ESTRUTURAIS

Como o segundo EHCVM 2021/22 foi realizado em 8 estados-membros da UEMOA,<sup>5</sup> é possível avaliar a evolução da pobreza de 2018 a 2021 nestes países, aproveitando que as duas vagas da UEMOA para os 8 estados são na sua maioria comparáveis, uma vez que utilizam questionários semelhantes, metodologia de inquérito e abordagem de medição da pobreza. Para comparar a evolução da pobreza entre países, baseamos-nos no limiar de pobreza internacional de 2,15 e 3,65 dólares por pessoa por dia em 2017 PPC.

**Consistente com as conclusões utilizando a linha de pobreza nacional, entre 2018 e 2021, a Guiné-Bissau registou um aumento de 4,3 pontos percentuais na pobreza com base na Linha Internacional de Pobreza de 2,15 dólares por pessoa por dia - de 21,7% para 26% (Figura 6).** O aumento da pobreza é mais pronunciado

nas zonas rurais do que nas zonas urbanas - onde a incidência, a diferença e a gravidade da pobreza são maiores. A combinação do crescimento agrícola e dos preços elevados dos alimentos<sup>6</sup> deverá ter deixado a pobreza inalterada entre 2022 e 2023 em cerca de 26%, com o crescimento da população a implicar mais de 10.000 pessoas pobres adicionais. Uma recuperação no setor agrícola fará com que a taxa de pobreza diminua parcialmente para 25,4% em 2024. Prevê-se que novos progressos sejam apoiados por preços alimentares mais baixos, reduzindo a pobreza para 24,1% em 2025, tirando mais de 15.000 pessoas da pobreza, e atingindo 22,6% em 2026. O poder de compra dos agregados familiares irá melhorar com os preços mais altos do caju e os preços mais baixos dos alimentos, beneficiando os mais pobres que gastam uma parte maior do seu rendimento em alimentos.

<sup>5</sup> O Benim, o Burkina Faso, a Costa do Marfim, a Guiné-Bissau, o Mali, o Níger, o Senegal e o Togo concluíram o primeiro inquérito harmonizado aos agregados familiares nos países da UEMOA, o "Enquete Harmonisée sur Conditions de Vie des Ménages" EHCVM 2018/19. A segunda ronda do EHCVM, o EHCVM 2021/22, foi concluída em julho de 2022. Esta segunda ronda é totalmente comparável à EHCVM 2018/19, apesar de algumas pequenas alterações.

<sup>6</sup> A inflação manteve-se elevada em 8 por cento (y/y) em 2023, contra 7,9 por cento em 2022, impulsionada pela inflação alimentar e energética. Isto seguiu-se a uma média de 1 por cento entre 2015 e 2020.

**Figura 6. Tendências da pobreza monetária utilizando o limiar de pobreza internacional de 2,15 dólares (PPC2017) por área de residência, 2018 - 2021**



Fonte: Cálculo da equipa do Banco Mundial com base na EHCVM 2018/19 e 2021/22, utilizando o limiar de pobreza internacional de 2,15 dólares americanos por pessoa, por dia, em PPC de 2017.

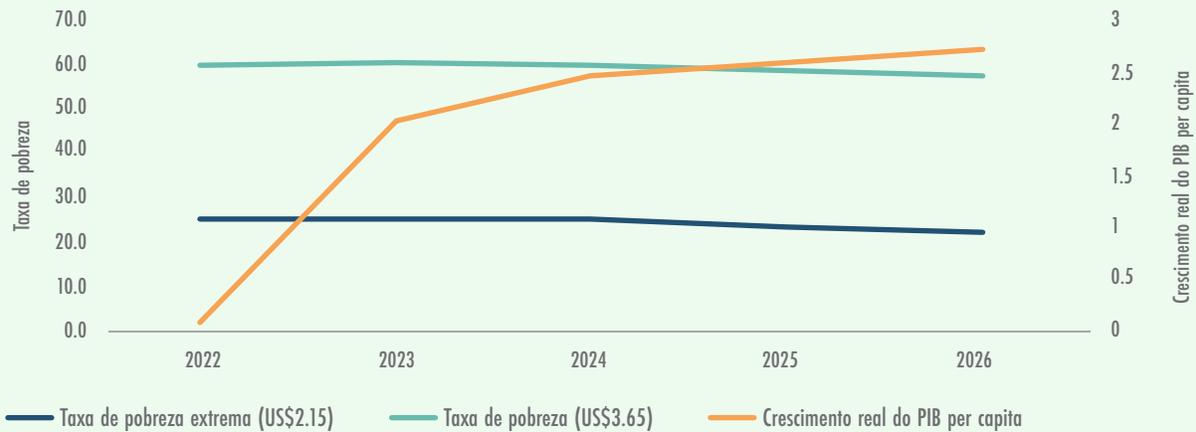
**Em comparação com alguns dos seus pares na região da UEMOA (Figura 7), a taxa de pobreza da Guiné-Bissau é relativamente elevada.** Em 2021, a taxa de pobreza da Guiné-Bissau só é inferior à taxa do Níger e do Togo. Além disso, dos oito países da região, a Guiné-Bissau é um dos três que registou um aumento da pobreza durante o período - o segundo maior aumento na região - atrás do aumento de 5,7 pontos percentuais do Mali. Em contrapartida, alguns dos seus pares registaram uma redução moderada da pobreza. Por exemplo, o Benim registou um declínio substancial nas suas taxas de pobreza, com uma diminuição de 7,4 pontos percentuais. A Costa do Marfim, começando com uma taxa de pobreza mais baixa de 11,5%, conseguiu reduzi-la em 1,8 pontos percentuais, baixando-a para 9,7% em 2021/22. Esta redução permitiu que a Costa do Marfim atingisse a taxa de pobreza internacional mais baixa entre os seus

pares, ultrapassando o Senegal. Precisamente, o Senegal manteve a posição da taxa mais baixa em 2018/19, mas um ligeiro aumento da sua taxa de pobreza de 9,2 % para 9,9 % fez com que o país ficasse atrás da Costa do Marfim.

**Em comparação com os seus pares estruturais<sup>7</sup>,** a taxa de pobreza da Guiné-Bissau (com base na Linha Internacional de Pobreza de 2,15 USD) é quase 10 pontos percentuais mais elevada quando comparada com a taxa da Gâmbia em 2020; e cerca de 40 pontos percentuais mais baixa do que a taxa da República Centro-Africana em 2021.

<sup>7</sup> Os pares estruturais são definidos como países frágeis que têm características estruturais (população, PIB per capita, contribuição da agricultura para a economia, esperança de vida, composição do comércio e receitas públicas) semelhantes às da Guiné-Bissau. Este grupo inclui o Burundi, a República Centro-Africana, a Gâmbia e a Serra Leoa. Para efeitos desta nota, seleccionamos apenas países com estimativas de pobreza recentes no PIP.

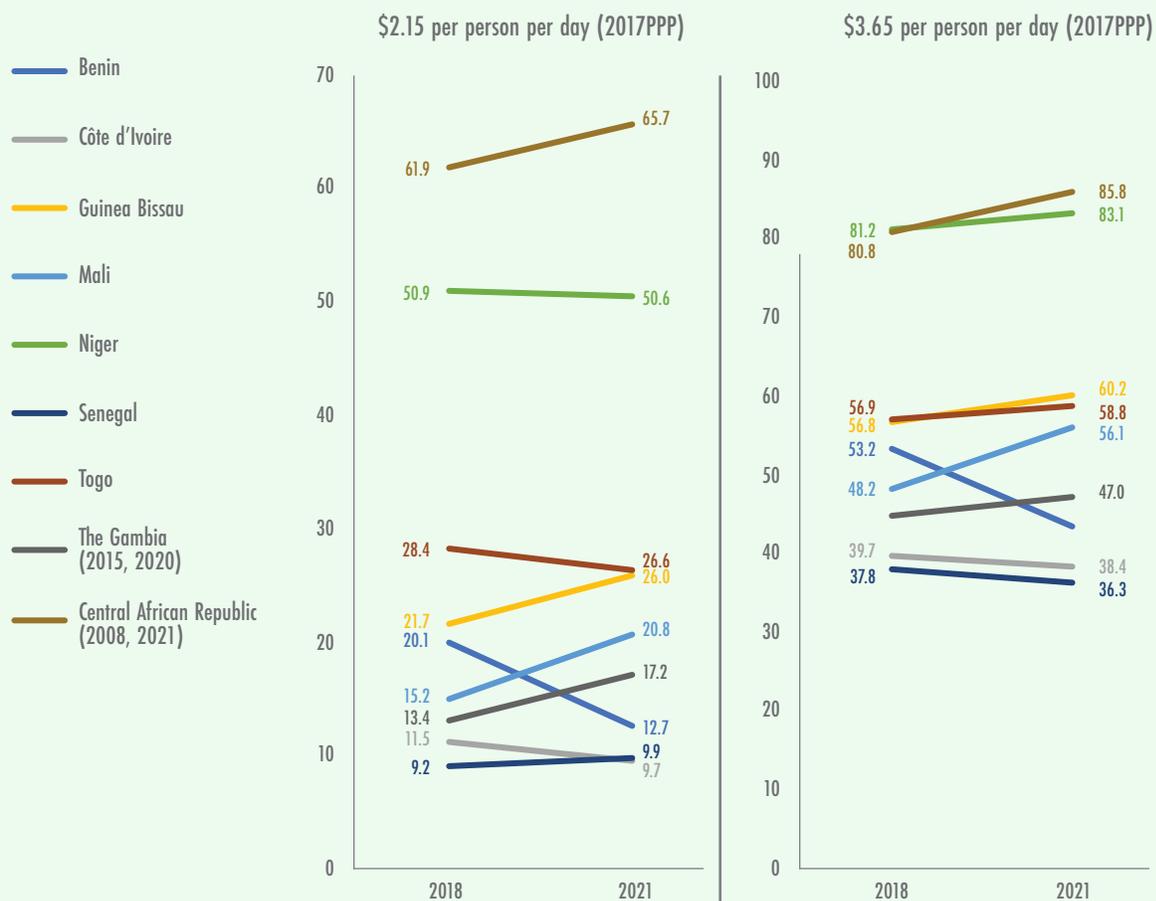
**Figura 7. Tendências recentes e perspectivas de crescimento e de pobreza internacional, 2022-2026**



Fonte: Cálculos do Banco Mundial com base na EHCVM 2018/19, EHCVM 2021/22 utilizando as linhas de pobreza internacionais de 2,15 USD e 3,65 USD por pessoa por dia em PPC de 2017 e no portal de dados (<https://data.worldbank.org/>).

Nota: As estimativas de pobreza em 2018 e 2021 utilizaram o EHCVM 2018/19 e o EHCVM 2021/22. As taxas de pobreza em 2019-2020 e 2022-2026 correspondem à recente folha de dados do Macro Poverty Outlook da SM24.

**Figura 8. Taxa de pobreza extrema internacional (\$2,15 e \$3,65, PPC2017), 2018-2021**



Fonte: Cálculo da equipa do Banco Mundial com base na EHCVM 2018/19 e 2021/22 utilizando o limiar de pobreza internacional de 2,15 dólares americanos por pessoa por dia em PPC de 2017. Para a Gâmbia (2015 e 2020) e a República Centro-Africana (2008 e 2021) foram utilizados valores do PIB.